

ARTICULAÇÃO, CIBERATIVISMO E SIGNIFICANTE VAZIO: FORA DO EIXO E A AÇÃO COLETIVA EM PROL DA PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTEⁱ

Debate o discusión en teoría social

GT20 – Sociedade civil: protestos e movimentos sociais

Felipe Augusto Frankeⁱⁱ

Resumo

O presente artigo trata das iniciativas do grupo denominado Circuito Fora do Eixo na área de produções culturais independentes no Brasil, com ênfase na produção musical. Com base na Teoria Política do Discurso (TPD), proposta por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, demonstrou-se a trajetória do grupo a fim de se tornar um significante vazio para os demais movimentos que buscam a produção cultural independente. Além disso, abordou-se a utilização das tecnologias – principalmente a internet e as redes sociais – como instrumentos de articulação, ao mesmo tempo em que se firmam como uma das estratégias de mobilização adotadas tanto pelo próprio Circuito Fora do Eixo quanto pelos coletivos que o integram e com ele se relacionam de forma direta e indireta.

Palavras-chave: Teoria Política do Discurso; Fora do Eixo; ciberativismo.

1 Introdução

Com base na Teoria Política do Discurso (TPD)ⁱⁱⁱ de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, tentamos compreender – através de certos conceitos, como “hegemonia”, “articulação”, “antagonismo” e “significante vazio” – a atuação do Circuito Fora do Eixo (CFE), que busca alternativas contra-hegemônicas para a produção cultural independente brasileira. Um ponto importante nesta análise é o enfoque dado pelo circuito à união de antigas práticas – já bem difundidas, como a organização de festivais – com novas formas de mobilização, de divulgação de suas ações e de organização interna (visto que o grupo é composto por núcleos localizados em diversas partes do país), mediadas pela internet.

É esperada a utilização do espaço virtual como parte da estratégia de comunicação e mobilização de movimentos sociais como esse, uma vez que estão incluídos em uma sociedade onde a disponibilidade de tais recursos está em crescente ascensão. Nesse sentido, Gomes (2012) explica que:

Não há como negar que as transformações sociais e o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm influenciado a prática comunicacional de todo e qualquer tipo de instituição. Essa influência chega igualmente às organizações sociais. Essas mudanças podem ser observadas não somente na difusão das informações, mas nas formas de mobilização social, agora também realizada por meio da plataforma virtual. (p. 13)

Além disso, a participação nas principais redes sociais utilizadas pelos brasileiros é vista como um ponto central para o fortalecimento do grupo, o que reforça a constatação feita por Teixeira (2007):

Não se pode negar o fato que os movimentos sociais obtiveram ganhos com a Internet, pois grupos que anterior ao advento da Internet só se comunicavam localmente, atualmente na era da informação textual digital, estão tendo alcance quase extra-terrestres. (pp. 707-708)

Para que o objetivo deste trabalho seja cumprido será necessário, primeiramente, realizar uma breve exposição da TPD, de forma que se compreenda o que é discurso para os autores e como ele se apresenta através das práticas articulatórias em disputas hegemônicas. Em seguida, será abordada a questão do Ciberativismo, arena aberta pela difusão da internet, não só para a organização, como também para a própria construção da identidade dos movimentos sociais que a adotam em suas estratégias e práticas. Para finalizar, então, o Circuito Fora do Eixo será analisado sob as perspectivas acima descritas.

É válido destacar que pesquisas com o objetivo de elucidar, analisar e avaliar as consequências da utilização de novas tecnologias na esfera dos movimentos sociais estão ganhando cada vez mais espaço no Brasil, mas, ainda assim, são de difícil acesso quando se trata da produção cultural independente, o que ressalta a importância deste trabalho.

2 Expandindo as fronteiras do discurso: a Teoria Política do Discurso (TPD) de Laclau e Mouffe

Um dos principais avanços das Ciências Sociais nas últimas décadas foi a ruptura com a categoria de sujeito que, até então, o entendia como “(...) unidade racional e transparente que transmitisse um significado homogêneo para o campo total da conduta do indivíduo, sendo a fonte de suas ações” (Laclau, 1986, p. 2).

A Psicanálise representa a personalidade estruturada em diversos níveis além da consciência e da racionalidade dos agentes. Sendo assim, em vez de analisarmos o sujeito como fonte provedora de significado, observamos cada uma de suas posições em diferentes locais do interior da estrutura ou, em outras palavras, analisamos o conjunto de posições diferenciais que denominamos “discurso” (Laclau, 1986).

Para que se compreenda a Teoria Política do Discurso de Laclau e Mouffe é indispensável o entendimento de certos conceitos, em especial o de “hegemonia”. Como apontam os autores, o conceito de hegemonia em Gramsci foi uma resposta ao que ficou conhecido como Crise do Marxismo, originada a partir da Segunda Internacional^{iv} (1888-1914). Tal crise consistia na dificuldade de enquadrar a nova formação social capitalista – que tem como característica a fragmentação das classes sociais – ao modelo teórico marxista. O conceito de hegemonia, portanto, para Laclau e Mouffe, passou a ser considerado “(...) o conceito chave para a compreensão de diversas unidades existentes em uma formação social concreta” (Laclau & Mouffe, 1985, p. 7; tradução nossa).

Para Gramsci (2007), a hegemonia é um tipo particular de dominação. Trata-se de uma forma de dominação aceita de livre e espontânea vontade através do consenso, mais precisamente, imposta por uma classe social dominante ou nação sobre os demais por meio de uma ideologia que é capaz de sustentar tanto a ordem social vigente quanto a forma de governo democrática atual, como, por exemplo, a hegemonia mantida pelo modelo capitalista. Para o autor, quanto mais enraizada for a ideologia, mais sólida será a hegemonia. Esta, no entanto, ainda é construída por contingências que permitem as disputas e conflitos e, dessa forma, é sempre instável e passível de mudanças.

A partir de sua leitura de Gramsci, Coutinho (1999) define hegemonia como o resultado da conquista de posições e de espaços, uma ‘guerra de posição’, de cunho político-ideológico e do consenso dos setores majoritários da população, que seria condição tanto para o egresso ao poder do Estado quanto para a sua posterior manutenção. Também Miranda (2011), em consonância com a leitura feita por Coutinho, esclarece que:

O que Gramsci formula é que dominação pura e simples não basta para a manutenção do poder. É necessária a concessão para a construção de valores comuns, tanto para mascarar os antagonismos de classe como para legitimar a classe dirigente/hegemônica. A dominação não pode parecer como dominação, e sim como uma sociedade comum a todos... (p. 3)

Para Laclau (2006), por sua vez, a hegemonia é posta em um universo de grande complexidade social, onde certas identidades têm por objetivo impor as suas vontades sobre as demais para se tornarem “(...) uma particularidade que assume uma certa função universal” (p. 24). Sendo assim, Laclau e Mouffe (1985) consideram que a luta pela hegemonia é travada no campo da “discursividade”, que, para eles, é o espaço onde são realizadas as disputas discursivas. Ampliando a concepção de “discurso” para aquilo que articula a relação entre palavras e ações, os autores chegam à conclusão de que todo o espaço social também é um espaço discursivo:

Nossa análise rejeita a distinção entre práticas discursivas e não-discursivas. Ela afirma: a) que todo objeto é constituído como um objeto de discurso... b) que qualquer distinção entre o que é usualmente chamado de linguagem e aspectos comportamentais de uma prática social, é incorreta... (Laclau & Mouffe, 1985, p. 107; tradução nossa)

Partindo-se do conceito de que as relações sociais são articuladas pelo discurso, então o significado de algo também será concebido socialmente, e cada discurso será uma construção social e política capaz de estabelecer relações de diferença entre objetos e práticas que, por sua vez, criam posições de sujeito com as quais os agentes políticos podem se identificar (Barcellos & Dellagnelo, 2012). Dessa forma, para Laclau e Mouffe (1985), uma relação hegemônica é a posição de determinado discurso ao estabelecer uma relação de ordem com os demais, tornando-se um ponto de aglutinação e de síntese dos demais discursos e assumindo, assim, a hegemonia do objeto em questão.

Um dos pilares para o entendimento do conceito de hegemonia é que não existe segurança nos projetos hegemônicos, não havendo, portanto, consciência prévia do papel a ser representado por cada uma das identidades envolvidas. Segundo Mendonça (2007), todas as relações de poder são extremamente precárias e contingentes; o grupo político detentor da uma posição hegemônica hoje, necessariamente não será o mesmo de amanhã. Em complemento, o autor aponta que “A hegemonia é uma relação em que uma determinada identidade, num determinado contexto histórico, de forma precária e contingente, passa a representar, a partir de uma relação equivalencial, múltiplas identidades” (2007, p. 251).

Tal afirmação nos leva a outro ponto importante na cadeia de conceitos que compõem a TPD, a noção de “articulação”, que refere-se a “(...) qualquer prática que estabeleça qualquer relação entre objetos, cujas identidades são modificadas pela prática articulatória” (Laclau & Mouffe, 1985, p. 105; tradução nossa) ou, ainda, à conexão estabelecida entre várias posições de sujeito numa situação contingente e sem predeterminação (Laclau, 1986). Sendo assim, Laclau e Mouffe consideram o discurso como a estrutura total resultante da prática articulatória.

Além disso, devido às práticas articulatórias e às diversas posições de sujeito, Laclau (1986) defende que é inviável pensar a sociedade como algo racional e inteligível. Afinal, com tantas variáveis nas posições do sujeito, não há como construir uma visão da sociedade onde exista apenas a positividade; é necessária a inclusão do antagonismo. Para o autor, o antagonismo representa a existência da negatividade no âmbito social e gera um sistema de diferenças – nós e os outros – que é fundamental para a construção de uma base social, erguida dentro das fronteiras que a separam do que não a pertence, dos agentes sociais e de seus antagonistas.

Para finalizar, Laclau e Mouffe (1985) apresentam a “lógica de equivalência” e o “significante vazio”. Os autores propõem que a equivalência é o mecanismo que possibilita a criação de mais de um significado para a mesma identidade, de forma parasitária ao primeiro e que, por fim, o subverte.

Quanto mais a cadeia de equivalência se estender, menos a demanda inicial – à qual coube a função de representar a todas – manterá seus próprios objetivos. Assim, a demanda esvazia a relação entre a identidade e os significantes que lhe são próprios e dá origem ao que Laclau (2006) chama de “significante vazio”, um discurso capaz de aglomerar diversas outras demandas ao seu redor. Ou, como explica Mendonça (2009):

O significante vazio ocorre quando um discurso universaliza tanto seus conteúdos a ponto de ser impossível de ser significado de forma exata. Isso se dá... quando, numa prática articulatória, a cadeia de equivalências (elementos/momentos articulados) expande... seus conteúdos, inflaciona-se sobremaneira de sentidos. (p. 162)

Expostos os elementos-chave da TPD, podemos passar agora à questão do ciberativismo e, posteriormente, à análise do Circuito Fora do Eixo como agente contra-hegemônico. O objetivo, no tópico a seguir, é abordar o papel da rede mundial de computadores – e das ferramentas por ela disponibilizadas – na articulação e na produção de identidades e estratégias no seio dos movimentos sociais.

3 Ciberativismo, a utilização do espaço virtual como arena política

Com as constantes mudanças na estrutura do modelo capitalista e toda a sequência de revoluções associadas aos novos adventos introduzidos pela tecnologia – principalmente nas áreas que dizem respeito à informação e à comunicação – consolida-se uma nova forma de sociedade a partir da interação multinacional, multicultural e multiétnica (Castells, 2008).

A Internet, até poucos anos atrás, apresentava-se apenas como um simples, novo e eficiente meio de comunicação, ultimamente se transformou em uma necessidade de aderir a uma nova dimensão social, onde os limites das relações sociais convencionais geralmente demarcadas por um espaço físico e que se viam permeadas por uma atmosfera competitiva, muitas vezes hostil e pouco associativa, com o advento da Internet alcançaram um elevado coeficiente de superação, passando a ser uma possibilidade real. (Teixeira, 2007, p. 697)

Todas essas mudanças no âmbito social introduzidas pelas tecnologias de informação e comunicação foram sentidas e absorvidas por alguns movimentos sociais, que não somente as incorporaram como também tentaram extrair dela todo seu potencial. Sendo assim, percebe-se que essas novas tecnologias – principalmente a internet e suas variáveis, como as redes sociais – vão muito além de apenas reforçar a comunicação dos movimentos sociais e de seus agentes; elas também possibilitam novas estratégias de mobilização. Quando bem posicionadas, tais estratégias apresentam potencial de ampliação da área de convergência dos movimentos com a sociedade, aumentando a visibilidade e o poder de articulação de seus projetos e ideais (Gomes, 2012).

As tecnologias de informação, difundidas principalmente no decorrer dos últimos 15 anos, agregaram um novo repertório aos movimentos sociais: o ciberativismo. Para Castells (2008), o termo “ciberativismo” representa a utilização dos recursos disponibilizados pela internet por agentes políticos para fomentar ações políticas nos diversos espaços midiáticos existentes na rede. Nesse sentido, Gomes (2012) afirma que:

A Internet se apresenta como um meio e um espaço estratégico, de caráter amplo, diversificado, ágil e democrático. No contexto da sociedade contemporânea, as organizações sociais precisam perceber o quanto esses novos processos culturais, tecnológicos e midiáticos proporcionam intensas mutações na comunicação, não somente no que diz respeito aos seus meios de

produção e difusão da informação, mas à potencialidade de organização, articulação e mobilização de determinado movimento. (p. 13)

Segundo Recuero (2009), os valores-chave para que os agentes tenham êxito na mobilização por meio de redes sociais *on-line* seriam: a visibilidade, a reputação, a popularidade e a autoridade. A **visibilidade** é determinada pela capacidade do agente em se fazer visível por meio da presença constante no ambiente virtual e pela quantidade de interações efetuadas. A **reputação** é resultado da imagem do agente formada por seus interlocutores, ou seja, é a visão dos demais sobre o agente. A **popularidade** pode ser computada através da extensão da rede de contatos do agente, por quantos indivíduos receberão suas mensagens. E, por fim, a **autoridade** é demonstrada pela influência do agente na rede social, pela repercussão de seus comentários e pela difusão das informações postadas.

Quando um movimento social escolhe o ciberativismo como estratégia de ação, como aponta Gomes (2012), ele deve primar pelo diálogo e pelo caráter básico da comunicação através de redes digitais. Em outros termos, para ter valor, uma informação precisa circular para que possa, assim, atingir o maior número possível de usuários.

4 Fora do Eixo, articulações em rede e estratégias contra-hegemônicas

“(...) Uma nova sociedade só poderá vir a luz pela participação das massas, livre e democraticamente organizadas” (Semeraro, 1999, p. 241). A partir desse pensamento, podemos começar a descrever o movimento social em foco neste trabalho. O autodenominado Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos culturais que trabalham de forma cooperativa para a democratização tanto da produção cultural independente quanto de sua disponibilização gratuita e ao alcance de muitos. Para atingir seu objetivo, o movimento atua em diversas frentes – como na produção e distribuição gratuita de músicas, filmes e documentários e na produção de festivais independentes –, sempre por meio da utilização de ferramentas colaborativas, como as redes sociais. O preâmbulo à “Carta de Princípio do Circuito Fora do Eixo” (2009) esclarece que:

O **Circuito Fora do Eixo** é uma **rede colaborativa** e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura espalhados pelo Brasil, pautados nos princípios da economia solidária, do **associativismo** e do **cooperativismo**, da **divulgação**, da **formação** e **intercâmbio** entre redes sociais, do **respeito** à **diversidade**, à pluralidade e às **identidades culturais**, do **empoderamento** dos sujeitos e alcance da **autonomia** quanto às formas de **gestão** e **participação** em processos sócio-culturais, do estímulo à **autoridade**, à **criatividade**, à **inovação** e à **renovação**, da **democratização** quanto ao **desenvolvimento**, **uso** e **compartilhamento** de **tecnologias livres** aplicadas às **expressões culturais** e da **sustentabilidade** pautada no uso de **tecnologias sociais**. (Fora do Eixo, 2009; grifos no original)

É importante destacar que o Circuito Fora do Eixo foi criado, no final de 2005, por produtores culturais de três regiões brasileiras: Centro-Oeste, Norte e Sul. Teve início através da parceria realizada por produtores de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), que tinham o desejo de promover o intercâmbio de bandas locais e de tecnologias de produção. O fato de que nenhuma dessas cidades faz parte do chamado eixo Rio-São Paulo justifica o nome que batizou a iniciativa: *Circuito Fora do Eixo* (Fora do Eixo, 2013).

O próprio grupo relata que sua rede de influência cresceu com o passar dos anos e que o mercado, devido à facilidade de acesso a informação, se tornou mais receptivo a esse tipo de iniciativas. A acessibilidade proporcionada pelos avanços tecnológicos, tanto na área da informação e comunicação quanto na de equipamentos de produção, criou um cenário positivo para o surgimento de

pequenas iniciativas com caráter cooperativo, como era o próprio Circuito Fora do Eixo em seu princípio.

Com base nisso, podemos afirmar que se abre uma brecha para a crise da hegemonia exercida pelas grandes gravadoras desde a década de 1970, que privilegiavam quase que exclusivamente os artistas do eixo Rio-São Paulo e tinham como objetivo apenas o capital. Nesse sentido, Barcellos e Dellagnelo (2012) corroboram que:

A atuação hegemônica das gravadoras, que já era característica [*sic*] no Brasil desde os anos 70, fica mais seletiva e deixa à margem um maior número de artistas que não vem [*sic*] suas demandas atendidas pela forma de produção cultural dominante. Além disso, a concentração geográfica das gravadoras hegemôniza a produção cultural feita no e para o chamado eixo Rio-São Paulo, praticamente ignorando a produção cultural realizada em outras partes do país, não se interessando em levar seus produtos para estas regiões, a não ser por intermédio da divulgação massiva da mídia. (p. 9)

Atualmente, o Circuito Fora do Eixo conta com unidades em quase todos os estados brasileiros, sendo que todos os estados que compõem as regiões Sul, Centro-Oeste e Norte encontram-se devidamente associados ao grupo. Formou-se, assim, uma rede de cerca de 80 coletivos localizados em todas as regiões do país, que trabalham com diversas formas de manifestações culturais, como música, poesia, teatro, *design* e cinema.

Os conceitos desenvolvidos por Laclau e Mouffe (1985) para a Teoria Política do Discurso – como os de “lógica de equivalência”, “articulação” e “hegemonia” – são perfeitamente aplicáveis ao estudo desse movimento social e expandem a visão para muito além da simples constatação do caráter econômico. O Fora do Eixo pode ser definido, portanto, como uma organização contra-hegemônica de resistência no campo cultural, que utiliza diversas estratégias de articulação para romper com a hegemonia vigente das gravadoras e das grandes produtoras.

Como consta em sua carta de princípios (Fora do Eixo, 2009), o que a caracteriza como uma organização contra-hegemônica é a busca por um modelo alternativo de produção cultural:

...que tende a suplantam a lógica do modelo ainda predominante da indústria fonográfica (as *majors*^v e seu *modus operandi* contratual) pela lógica do “**mercado médio**” cultural, pautado pelos princípios da **economia solidária** aplicados às cadeias produtivas da **economia da cultura**... (grifos no original)

Através de um constante projeto articulatório, o grupo cresceu e se disseminou por todo o país, tornando-se não só um ponto de referência para os demais coletivos culturais como também para o público-alvo por meio de ações como festivais (Grito Rock^{vi}, UFSCTOCK e Festival Fora do Eixo) e outros canais não presenciais, como a internet. A organização é focada nos “coletivos locais” de cada cidade que possua um núcleo de produção cultural independente ligado ao Fora do Eixo, que são denominados “Pontos Fora do Eixo”. É função dos coletivos a articulação dos circuitos regionais de produção, sem ter como meta a adesão de novos membros, pois, segundo os preceitos do grupo, essa deve ser “livre, espontânea, esclarecida e consciente” (Fora do Eixo, 2009).

Os coletivos possuem uma organização interna horizontal, onde as decisões devem ser tomadas por meio de consenso e os financiamentos devem acontecer através de trocas solidárias^{vii} e de caixas coletivos abastecidos pelos trabalhos realizados e por doações voluntárias dos integrantes. Além disso, em algumas cidades existem as *Casas Fora do Eixo*, locais onde se estabelecem comunidades de vivência baseadas na troca de experiências, sendo que todas as regras e decisões também seguem o preceito da horizontalidade. Tais atitudes, portanto, podem ser interpretadas não só como antagonistas à

hegemonia das *majors* fonográficas, mas também – como já citado aqui, em sua carta de princípios – como sendo contra a financeirização do trabalho artístico como um todo.

Entre seus objetivos constam, também, a criação, a utilização e a disseminação de tecnologias e, para isso, o circuito atua de forma constante nas principais redes sociais utilizadas pelos brasileiros – como Twitter, Facebook, Flickr, Vimeo –, além de recorrer a outras estratégias comunicacionais a fim de ampliar seu raio de interação com a sociedade. Nesse sentido, de acordo com Castells (2006):

A informação é poder. A comunicação é contrapoder. E a capacidade de mudar o fluxo de informação a partir da capacidade autônoma de comunicação reforçada mediante as tecnologias digitais de comunicação, realça substancialmente a autonomia da sociedade com respeito aos poderes estabelecidos. (p. 231)

As redes sociais virtuais (*on-line*) são mescladas com os demais canais de comunicação do grupo com a sociedade, fazendo com que sejam ultrapassadas suas características de mera reprodução ou mesmo de simples aparatos de comunicação alheios a outras possibilidades. Esse foi o estímulo para criação do Portal Fora do Eixo (Fora do Eixo, 2013):

...que inaugurou uma tão almejada etapa de ocupação de espaços mais bem estruturada na web, facilitando assim o acesso do público ao numeroso banco de dados que vem sendo engendrado pelo circuito em todo o país.

As iniciativas do grupo através da internet atendem perfeitamente aos valores-chave propostos por Recuero (2009) e mencionados anteriormente. Afinal, seus canais institucionais de comunicação, somados aos canais pessoais de vários de seus integrantes, ampliam consideravelmente a sua presença e *visibilidade*. Sua *reputação* cresce em conjunto com seu processo articulatório, com a adesão de novos membros e, inclusive, devido ao tempo de existência prolongado, que confere ao grupo uma imagem de solidez. Como um efeito dominó, o aumento dos pontos de contato propiciado por um maior número de interlocutores pertencentes ao Fora do Eixo potencializa a sua *popularidade* e o número de receptores de suas mensagens. Por fim, toda a adesão adquirida através de suas estratégias de articulação reflete em sua *autoridade* e na interação dos receptores com o comunicador, seja ele o próprio circuito, seus coletivos ou indivíduos que façam parte deles.

Para além da produção musical, com a abertura de novas frentes de atuação – como o *design*, o cinema, a oferta de cursos, e mesmo a criação de alternativas ao modelo produtivo voltado exclusivamente para o capital – o circuito amplia seu raio de ação e, também, o número de trincheiras em que trava batalhas na sociedade. Essa estratégia tem reflexos na própria identidade do movimento: a ampliação de seu foco o torna mais apto a atrair ao seu entorno outros movimentos menores – como coletivos que até então não se encaixavam devido aos seus objetivos e demandas – e, conseqüentemente, o esvazia de significados, o que, segundo Laclau e Mouffe (1985), o torna um significativo vazio para as demais demandas relacionadas às produções culturais nacionais e até mesmo internacionais. Prova disso é que o seu principal evento, o Grito Rock, no ano de 2013, foi executado em mais de 30 países.

5 Considerações Finais

O presente estudo teve como finalidade apresentar o movimento social denominado Circuito Fora do Eixo com base nos diversos conceitos apresentados pela Teoria Política do Discurso, proposta por Laclau e Mouffe (1985), com a consciência de que a teoria apresentada é estruturada no campo teórico e sem a preocupação de corresponder a uma formatação empírica. Além disso, discutiu-se,

também, uma das principais características do movimento social analisado: a sua estratégia de utilização de tecnologias comunicacionais como instrumento de mobilização.

Conceitos como “hegemonia”, “articulação”, “antagonismo” e “significante vazio” foram de extrema utilidade não só para a compreensão das dinâmicas que caracterizam as demandas em prol da produção cultural independente e da postura contra-hegemônica adotada pelo movimento na afronta ao modelo vigente das grandes gravadoras e estúdios, como também para o entendimento das estratégias firmadas pelo grupo para articular a lógica de equivalência que possibilitou que diversos coletivos menores espalhados pelo país pudessem se enxergar como parte de uma mesma demanda contra um sistema de opressão. Essa lógica culminou na criação de um significante vazio, visto que, devido às proporções adquiridas, o Circuito Fora do Eixo mostrou-se capaz de acolher diversos outros grupos sob uma mesma bandeira e de formar uma corrente de resistência nacional composta por diversos coletivos locais que, em conjunto, visam fomentar a livre circulação de cultura pelo país.

A configuração de novos festivais e a facilidade de acesso às tecnologias permitiram que os coletivos se articulassem e promovessem ações de cultura e arte por todo o país. As ações desses coletivos deflagram uma crise de hegemonia no modelo de produção cultural brasileiro, o que só foi possível devido à utilização, em conjunto, das diversas novas formas de comunicação incorporadas ao cotidiano pelo advento da internet e das redes sociais.

Essas novas tecnologias não espantam somente pela agilidade e pela versatilidade na produção de informação, mas também pelo grau de impacto e pela capacidade de organização e mobilização de pessoas e demandas em torno de um objetivo único. Afinal, elas possibilitam que uma informação postada na rede rapidamente dê voz ao desejo de diversos outros indivíduos, independentemente das barreiras sociais e geográficas existentes entre aquele que emite e aquele que recebe e retransmite uma mensagem.

O advento da internet abriu espaço para que as mais diversas vozes – antes abafadas – tomassem seus postos nas trincheiras da sociedade. Espaço esse que permite tanto a interação direta entre dois indivíduos quanto a interação entre um indivíduo e uma multidão, através de um canal horizontal, não hierarquizado, relativamente barato e acessível. Tais qualidades conformam alguns dos pilares do Circuito Fora do Eixo e nos permitem compreender o poder que o espaço virtual representa para o processo de mobilização social, por intermédio das redes sociais *on-line*, dos *sites* institucionais e das demais formas de comunicação disponíveis nesse meio.

Referências

Barcellos, R. de M. R. de & Dellagnelo, E. H. do L. (2012). O surgimento do Circuito Fora do Eixo sob a ótica da Teoria Política do Discurso: uma reflexão. In Rede de Pesquisadores em Gestão Social (Ed.), *VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social – ENAPEGS*. (pp. 1-21). São Paulo, SP, BR: Núcleo de Estudos Avançados do Terceiro Setor (NEATS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Consultado em 14 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <<http://anaisenapegs.com.br/2012/dmdocuments/120.pdf>>.

Castells, M. (2008). *O poder da identidade*. (6ª. Ed.). São Paulo, SP, BR: Paz e Terra.

Castells, M. (2006). Inovação, liberdade e poder na era da informação. In D. de Moraes & A. Mattelart (Eds.). *Sociedade midiaticizada* (pp. 225-231). Rio de Janeiro, RJ, BR: Mauad.

Coutinho, C. N. (1999). *Gramsci, um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro, RJ, BR: Civilização Brasileira.

- Fora do Eixo. Site Circuito Fora do Eixo. *Carta de Princípio do Circuito Fora do Eixo – Preâmbulo*. (2009). Consultado em 10 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <<http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>>.
- Fora do Eixo. Site Circuito Fora do Eixo. *Institucional*. (2013). Consultado em 10 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <<http://foradoeixo.org.br/institucional>>.
- Gomes, M. de S. (2012). *Ativismo social digital: a inserção dos movimentos sociais de Manaus nas redes on-line*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, BR.
- Gramsci, A. (2007). *Cadernos do Cárcere (V. 3): Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política*. (3ª Ed.). Rio de Janeiro, RJ, BR: Civilização Brasileira.
- Grito Rock. Site Grito Rock Mundo. *Sobre o Grito Rock*. (2013). Consultado em 18 de fevereiro de 2013 no endereço eletrônico: <<http://gritorock.com.br/sobre-o-grito-rock-2/>>.
- Hobsbawn, E. J. (1987). A cultura européia e o marxismo entre o Séc. XIX e o Séc. XX. In Hobsbawn, E. J. *Historia do marxismo: o Marxismo na época da Segunda Internacional* (pp.75-124). (V. 2, 3ª Ed.). Rio de Janeiro, RJ, BR; São Paulo, SP, BR: Paz e Terra.
- Laclau, E. (1986). Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1(2). Consultado em 14 de fevereiro de 2013 no endereço eletrônico: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_04.htm>.
- Laclau, E. (2006). Inclusão, exclusão e a construção de identidades. En A. Amaral Jr. & J. A. Burity. (Eds.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social* (pp. 21-37). São Paulo, SP, BR: Annablume.
- Laclau, E. & Mouffe, C. (1985). *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. London, UK/ New York, NY, US: Verso.
- Mendonça, D. de. (2007). A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. *Ciências Sociais Unisinos*, 43(3), pp. 249-258. Consultado em 17 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <[http://www.unisinos.br/arte/files/ciencias_sociais_43\(3\)_mendonca.pdf](http://www.unisinos.br/arte/files/ciencias_sociais_43(3)_mendonca.pdf)>.
- Mendonça, D. de. (2009). Com o olhar "político" a partir da teoria do discurso. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 1, pp. 153-169. Consultado em 17 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/rbcp/article/viewFile/6596/5327>>.
- Miranda, L. C. dos S. (2011, abril). *Gramsci, hegemonia, contra-hegemonia e movimentos sociais*. Comunicação apresentada no V encontro brasileiro de educação e marxismo, Florianópolis, Brasil. Consultado em 15 de janeiro de 2013 no endereço eletrônico: <http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_01/e01a_t004.pdf>.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, RS, BR: Sulina.

Semeraro, G. (1999). *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia*. Petrópolis, RJ, BR: Vozes.

Teixeira, V. C. (2007). A contribuição da internet para os movimentos sociais e redes de movimentos sociais e o caso do movimento internacional pela adoção ao software livre. In Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais (Ed.), *II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. (pp. 697-714). Florianópolis, SC, BR: Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (NPMS-UFSC). Consultado em 10 de fevereiro de 2013 no endereço eletrônico: <www.sociologia.ufsc.br/npms/viviani_teixeira.pdf>.

Notas

ⁱ Trabalho apresentado para obtenção de nota final na disciplina Teoria dos movimentos sociais e sociedade civil, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP/UFSC) e ministrada pelo Prof. Dr. Raúl Burgos, no semestre 2012/2.

ⁱⁱ Mestrando em Sociologia Política (PPGSP/UFSC). E-mail: felipefranke@gmail.com

ⁱⁱⁱ É importante destacar que, neste trabalho, apresentaremos uma noção introdutória da TPD de Laclau e Mouffe, tendo consciência de que tal teoria se estende muito além do que é exposto aqui.

^{iv} Conjunto de eventos marxistas, que ocorreram entre 1888 a 1914 em diversas cidades europeias (de forma sequencial e não simultâneas), que não podem ser considerados como uma unidade absoluta, mas sim como a sequência de pelo menos três fases distintas. A primeira, em meados dos anos de 1880, caracterizada pelo surgimento dos partidos socialistas e operários, mas, principalmente, pelo rompante dos mesmos nos cenários políticos de seus países e pela articulação internacional através de iniciativas como a comemoração de 1º de Maio de 1890. A segunda fase, em meados de 1890, é caracterizada pela evidente retomada da expansão capitalista pela Europa e pela nomeada “crise no marxismo”, consequência de tal retomada. Por fim, a terceira fase, em 1905, é deflagrada pela revolução russa e marcada pelo retorno das ações de massa em larga escala. Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial e o fim da internacionalização dos partidos gerada pela necessidade militar dos estados europeus, a Segunda Internacional foi desfeita (Hobsbawn, 1989).

^v As *majors* são grandes conglomerados do ramo comunicacional, representados no mercado nacional pelas gravadoras que, por sua vez, possuem uma atuação globalizada. A título de exemplo, podemos mencionar algumas gravadoras transnacionais, como a Universal, a Warner, a Sony/BMG e a EMI, bem como a nacional Som Livre (Barcellos & Dellagnelo, 2012).

^{vi} Trata-se do maior evento produzido pelo Circuito, sendo que sua primeira edição aconteceu em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. Em 2013, o festival completou 11 anos de existência. A primeira edição integrada aconteceu em 2007 e hoje é realizada em mais de 300 cidades e 30 países (Grito Rock, 2013).

^{vii} As trocas solidárias consistem em trocas de serviços entre os integrantes do coletivo com a comunidade em geral. Por exemplo: o coletivo pode oferecer o serviço de assessoria de imprensa em troca da produção do material de divulgação de um evento.